

CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

PIPOQUEIROS

busca

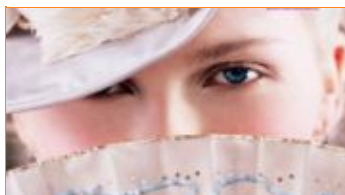
Ok



CINEMA

A patricinha de Versalhes

Por: Fábio Freire



Maria Antonieta foi massacrado, achincalhado, apedrejado e vaiado pela crítica francesa. Já nos Estados Unidos, o filme dividiu opiniões, mas nem de longe recebeu a atenção merecida. Toda essa polêmica e descaso em relação ao terceiro trabalho da festejada cineasta Sofia Coppola tem uma razão bem simples: *Maria Antonieta* está longe de ser aquela cinebiografia convencional e quadradinha que tanto estamos acostumados a ver (*Ray*, *O Aviador*, *Johnny & June*, só para citar as mais recentes), passando longe também dos didatismos dos filmes históricos.



Ao deixar de lado os convencionalismos desses quase gêneros cinematográficos, Coppola opta por uma abordagem mais humana de uma personagem odiada pela História. O foco não está nas conspirações palacianas, nem nos motivos que levaram a França ao caos e à Revolução Francesa, ainda que estes elementos estejam presentes no filme como contextualização. A cineasta está

mais preocupada em tentar entender o que se passava na cabeça da jovem princesa austríaca que serve como joguete para a união política de duas grandes nações européias, a Áustria e a França.

A diretora aponta, então, seu delicado olhar feminino (apurado nos meus filmes de cabeceira, *As Virgens Suicidas* e *Encontros & Desencontros*) para essa personagem histórica incompreendida e abre um leque de interpretações e possíveis leituras sobre a rainha decapitada. Para a cineasta, Maria Antonieta não passava de uma adolescente perdida entre as pressões da mãe, a rainha austríaca Maria Teresa, e o preconceito da corte francesa. Essa abordagem abre espaço para o grande mérito do filme. Em uma época em que o conceito de adolescente nem mesmo existia, Maria Antonieta é retratada como uma garota que não sabia lidar com as obrigações de um rígido protocolo e o descaso do marido (que levou alguns pares de anos para consumar o casamento e dar à corte francesa um herdeiro).

Como toda adolescente que se preze, Maria Antonieta busca, assim, refúgio nos sapatos, roupas, festas, guloseimas e fofocas palacianas. Ela não difere em nada daquela adolescente que pula a janela do quarto para ir escondida a uma festa ou que termina a noite deitada na grama esperando o nascer do sol. Nesse

sentido, a personagem lembra um pouco a Cher de Alicia Silverstone, em *As Patricinha de Beverly Hills*, ambas sempre prontas a descontar suas frustrações em novas provas de perucas e vestidos ou visitas ao *shopping*.



A trilha sonora anacrônica assume, então, um papel fundamental para que o filme reforce esse paralelo entre o passado e o contemporâneo. As batidas ritmistas de

ATUALIZAÇÕES

17/06 Van Damme, a redenção [JCVD]

17/06 Katie Melua [Katie Melua - The Katie Melua Collection]

28/05 Canto de casa para todos os pretos [Livia Lucas - Canto de Casa]

28/05 Da Lama ao Caos. [Chico Science & Nação Zumbi - Da Lama ao Caos]

17/04 Meio que tardio [Guns and Roses - Chinese Democracy]

DO MESMO AUTOR

O Grande Truque [Scoop - O Grande Truque]

Segundo round [Manderlay]

Alexandre, o longo, o grandioso, mas não O Grande [Alexandre]

O Dia Seguinte [O Dia Depois de Amanhã]

Salada mista pop e pós-moderna [Kill Bill - Vol 1]

LEIA TAMBÉM

19/10/2003 Goin' on this way, alegria... [Zémaria - Zémaria]

09/04/2007 O diário cor-de-rosa da princesa [Maria Antonieta]

15/10/2007 Samba na casa da Maria [Maria Rita - Samba Meu]

13/08/2004 Que Maria é você? [Cinco Marias (Fabrício Carpinejar)]

22/10/2003 Robert Rodriguez - De mariachis e pequenos espiões [Resumindo: Robert

Rodriguez]



contemporâneas. As bandas orientadas de bandas como New Order, Siouxsie & The Banshees e Bow Wow Wow funcionam de forma a retratar o vazio e hedonismo da vida dessa menina que viveu cercada de suntuosidade. A cartilha cinematográfica e o estilo peculiar de filmar de Sofia Coppola seguem caminho semelhante. *Maria Antonieta* é, então, um filme de olhares melancólicos, grandes silêncios, sem exageros melodramáticos e cheio de elipses temporais na narrativa, esta se prendendo muitas vezes ao nada para retratar o tédio e solidão da personagem.

O espectador acostumado à lógica hollywoodiana da narrativa cheia de acontecimentos vai achar tudo chato e reclamar que nada acontece. Vai implicar com a música e dizer que ela está deslocada e não faz sentido. Vai listar todos os erros históricos, dar falta da cena da decapitação e fazer mais uma série de críticas típicas de quem só vai ao cinema acostumado a ver o óbvio. Ou seja, não vai entender nada da proposta de Sofia Coppola. Já quem estiver interessado em entender um pouco mais sobre essa importante parte da história ocidental, que vá ler um livro chato, fazer um curso de história aos sábados à tarde ou ovacionar o cinema de fórmulas prontas. Coppola faz cinema, não dá aula de história.

Maria Antonieta convence pela visão particular que Sofia Coppola tem da personagem, demonstrando o amadurecimento dela como cineasta. Apoiada pela interpretação segura de Kirsten Dunst (cada vez melhor, ainda que continue sem reconhecimento), Coppola cria um retrato apaixonado e aparentemente superficial da futilidade cor-de-rosa de uma adolescente leviana que virou rainha, mãe e perdeu, literalmente, a cabeça por uma causa que nem era a sua.



18/04/2007

[Voltar](#)

Comentário dos leitores:

Nenhum comentário foi feito, seja o primeiro a comentar.

>> [Clique aqui para enviar seu comentário!](#)